

Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 172  
PREÇO 1\$00

# APÊNDICE A UM TESTAMENTO

Por PADRE ADRIANO

**A**INDA por aí certa confusão entre os instruídos mestres dos cânones. Discute-se se os Padres da Rua, formam uma Ordem nova, uma Congregação, Instituto Secular ou coisa que o valha.

Esta confusão presta-se a cálculos mais ou menos proféticos em que predomina a sentença de morte da Obra da Rua, com a invalidez do seu fundador.

Não sabemos o que vai no plano divino a respeito do futuro. Confiamos. Temos a certeza, a avaliar pelo passado e pelo presente, que Deus quer a Obra. A prova está na ajuda «escandalosa» que tem recebido. O passado é a garantia do futuro.

E' com os olhos postos n'Ele que ousamos desafiar os tempos, os costumes e as instituições com séculos de existência.

Confiamos sim: basta olharmos para a crítica situação em que se debatem os Pobres e os seus filhos, para termos a certeza de que estamos a «combater o bom combate» e de que nada nos há-de faltar.

Claro que esta missão exige espírito de sacrifício, despreendimento e dedicação ilimitada. A matéria prima é a ralé, a crápula. Daí as dificuldades. Por isso só voluntariamente loucos, é que são capazes de enfileirar.

Para tanto não é necessário deixar de sermos o que somos —padres diocesanos.—Temos até muita honra nisso.

O «promito» da ordenação não é quebrado. Continuamos a ser auxiliares do nosso Bispo, no campo das Furnas, onde também há filhos de Deus, resgatados com o sangue do Cordeiro, e com direito à vida eterna. Trabalharemos ao lado dos que se dedicam aos Seminários, à A. C., ao exército, à cura d'almas.

Assim o entenderam os Pastores das dioceses onde a Obra tem já raízes: Lisboa, Porto e Coimbra. Além das muitas provas de carinho, temos a promessa de nos darem os padres que prestam vocações para este sector de apostolado. Sim; eles é que devem afligir-se com a devoção da maior parte do seu rebanho. Eles é que são os Pastores.

Digo mais: Nós temos de andar depressa para chegarmos a tempo de evitar catástrofe maior. O campo das Tocas está demasiado solapado.

Ele há muito quem nos ouve pela altíssima missão a que nos dedicamos. Não faltam aí cartas

de homens que dizem professar diferentes credos políticos e religiosos a elogiar; mas também não falta quem nos lamente por nos termos abalancado a uma tarefa superior às nossas forças, e, além de tudo o mais, inútil e impertinente. A caridade está cansada —dizia alguém —para que continuam nessa vida?»

Está cansada... que se leia o jornal dum extremo ao outro, e ela aí aparece sempre nova, radiante. Se a caridade é o próprio Deus.

Ai de Portugal se deixasse morrer d'Obra, sem a continuar, ou substituir por qualquer coisa

de melhor.

Os quinhentos rapazes que por agora temos, e os milhares deles que esperam quem os salve, levantar-se-iam contra a Igreja e contra a sociedade.

Levantar-se-iam também todos quantos a amam, e quantos por ela estão já a orientar os seus passos.

Pelo que nos diz respeito, temos o nosso caminho traçado: sem saca nem bordão, pobres, para termos autoridade para falar-mos com os pobres, continuaremos a cuidar dos abandonados, dos orfãos e das viúvas. Haec est vera Religio. A seara é imensa.

Como a tarefa é dura, os operários são poucos.

Somos apenas dois ou três. As casas são já oito. Temos andado depressa, mas muito mais é o que está ainda por andar. Temos de trabalhar por dez. Padre Américo sente-se cansado. Os outros vão pelo mesmo caminho. Cairemos talvez esgotados? Mas até ao fim havemos de gritar ao mundo, que tenha mais piedade para com os infelizes, e que tenha mais respeito por si mesmo. Cairemos. Não faremos falta. E' de sangue dos mártires que costumam renascer florescentes cristandades.

## O que nos dão no Tojal

**H**A-de vir a primeira vez, que ao chegar do outro mundo das Tocas, não encontre ao entrar em casa, os cem por um, em colheita do que por lá se semeou. Tenho pena de não poder semear todos os dias, para colher na medida das necessidades que vamos topando.

Já ontem não acendi o lume—dizia a pobre tuberculosa—tentei hoje comer um pedaço de pão, mas estava tão duro que não consegui mastigar. Lá foi a enterrar o meu netito.

A conferência das senhoras já não manda nada, está tudo para férias.»

Estas queixas ouvidas em Tocas debaixo da terra, de lábios ressequidos pela febre, e pintados de sangue que sai às golfadas, tem algo de tético. É o sangue de Abel espalhado pela terra a bradar ao céu pela vingança do irmão que se esqueceu de que o era.

Há vícios, luxúria, há situações criadas que levam ao esbanjamento. Na voragem lá se vai a percentagem que permitiria acender, ao menos uma vez por dia, o lume no lar do faminto.

Como ia a dizer, ao chegar a casa, passei pela capela. (Faz-nos bem retemperar as forças diante d'Aquele que partia e repartia o pão mais com o coração que com as mãos—Eu tenho dó do povo.)

Nisto chega um carro. O Octávio corre a chamar: estão ali uns Senhores que querem falar.

Aí vem a resposta, disse com meus botões.

Não me enganei. No envelope

que entregaram encontrei cinco contos. Duas cartas chegadas pouco depois, com 1.000\$ cada, trazem mensagens para os pobrezinhos. Mais mil por intermédio da senhora dos bois. Terá já chegado ao Estoril alguma nuvem que apague a poeira que anda pelos ares?

De Lourenço Marques, cá chegou um saco de 100 kg. de arroz. Que trabalho tem que passar quem se sujeita a amar desta maneira. Antigamente o Cabo das Tormentas era ao fundo da África, agora é à beira do Tejo. Para trazer uns poucos de quilos de açúcar enviados de África, para os nossos pobrezinhos, tive de largar 850\$00. Dizem que as colónias são províncias portuguesas. E' Portugal. Portugueses são os nativos e os colonos, portugueses os nossos irmãos das barracas; se nós vivéssemos de palavras, só os surdos passavam fome...

Os nossos visitantes ainda não formam bicha como para os estádios, mas os poucos que aparecem vão-se explicando.

Ao Montepio vai chegando uma procissãozinha compassada. Todos os dias, diz a S.ª D.ª Irene, entra alguma coisinha: assinaturas, donativos em dinheiro, embrulhos com roupas em bom uso e com o respectivo salvo-conduto "podem usar sem receio" livros escolares e revistas. As toalhas e as dez dúzias de lenços, que também de lá vieram são ouro sobre azul. De lenços ficamos remediados, não assim de lençois, riscado, toalhas, pano crú, fronhas, flanela para as

camisas e mais roupa interior. Anda tudo a desfazer-se. São tantos a rasgar... Uma máquina de costura já não chegava. A Husqvarna já nos tinha dado cinco. Batemos à porta da "Oliva". Cá temos uma. Já vão rapazes a trabalhar na fábrica em S. João da Madeira. Quando forem mais e maiores, havemos de pedir mais uma máquina para o Lar de Lisboa, e outra para os alfaiates daqui do Tojal.

Há também quem faça caminho para o Banco E. S.. Todos estes caminhos aqui vêm dar. Sempresão melhores que a calçada que nos liga à estrada de Loures.

A Câmara anda atarefada com a canalização de água e jardinagem da Vila.

E' possível que quando Loures tiver flores e água, nós tenhamos também uma estrada sofrível; por enquanto, não.

Da Câmara M. do Seixal 500\$.

No Banco 600\$ e mais 75\$.

Os empregados da Vacuum continuam na Ofensiva porque o amor, como o estômago, não tem férias. O mesmo fazem os dos Produtos Lácteos.

O melhor terreno é o dos funcionários.

Hoje estão para os escritórios de Lisboa, quatro dos nossos Gaiatos.

Não levam almoço, nem dinheiro para o regresso, e chegam carregados de dinheiro e embrulhos, bem comidos e contentes, por ouvirem dizer tanta coisa linda.

# LAR DO EX-PUPILO

O Problema da fundação de Lares para ex-Pupilos dos Reformatórios — Um Ofício... sem comentários — A resposta — Ao Snr. Ministro da Justiça

Todos os anos, alguns dos nossos Rapazes vão de férias até aos reformatórios donde procedem. Reconhecimento e gratidão.

Da necessidade de permanência do Lar do ex-Pupilo e da urgência da criação de outros Lares congêneres, vamos falar agora, transcrevendo aqui o ofício n.º 1.333, de 21 de Agosto findo, vindo do Reformatório Central de S. Fiel, em Louriçal do Campo —Beira Baixa. Reza assim:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Maioral do Lar do ex-Pupilo-Coimbra.—Cremos não alterar o curso normal das preocupações de V. Ex.<sup>a</sup> com esta carta, não interrompendo também o cumprimento oficial das nossas obrigações.

Sem necessidade de nos alongarmos, reportamo-nos aliás a um facto que é tanto do Lar como do Reformatório. Vindo do Lar nos visitou recentemente o nosso antigo pupilo Joaquim Dias de Oliveira, como nos procura agora da mesma proveniência, o ex-educando António Fernando Lobo. Um e outro, hospedando-se na pensão da freguesia, não vêm solicitar a hospitalidade ou agasalho deste estabelecimento, que demandaram apenas para rever recordações da infância e dar aos seus antigos superiores contas da sua vida e obras—contas lisas, certas e perfeitas.

O primeiro conduz-se na sociedade com a confirmação de excelentes aptidões profissionais, o que acontece também com o segundo, que pelo estudo continua ainda a obra voluntariamente imposta do seu aperfeiçoamento próprio. Ambos se apresentam digna e compenetradamente, impondo-se à consideração de todos. É isto bem do conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> e referi-lo parecerá ocioso, senão importuno.

Seja-nos porém consentido recordar que, ao saírem do Reformatório, estes dois internados, à falta de família responsável, nada mais tinham à sua frente que uma perspectiva de futuro bem incerta e nebulosa; seja-nos permitido lembrar que alguns outros têm voltado ao portão do Reformatório em circunstâncias absolutamente—e infelizmente!—bem diferentes...

Isto posto, o que desejamos dizer claramente se subentende e explica. As nossas palavras pretendem interpretar o sentir do Ex.<sup>mo</sup> Director deste estabelecimento, Dr. Manuel Henrique Mena de Matos, actualmente de licença e exprimem o nosso agradecimento por um expressivo exemplo e um incentivo inapreciável, decerto a considerar por quem de direito na obra comum.

Este ofício será presente a Sua Ex.<sup>a</sup> o Senhor Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores.—A bem da Nação.—Pelo Director, a) H. Correia Pardal.

A quem sente o problema da sorte de tanto rapaz, os comentários ao ofício que acabamos de transcrever são desnecessários; a quem não sente o mesmo problema, os comentários são superfluos.

por **HERLANDER FREITAS**

Em resposta ao amável ofício de S. Fiel, nós rezamos assim:

«Coimbra, 29 de Agosto de 1950—Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director do reformatório Central de S. Fiel.—Louriçal do Campo.—Acusamos a recepção do ofício de V. Ex.<sup>a</sup>, n.º 1.333, de 21 do corrente, que arquivamos com todo o prazer, como símbolo do profundo sentir,



Mais duas vidas unidas no mesmo laço sacramental: Cidália Ferreira e Laura Ferreira Gabriel

entendimento e compreensão que os Ex.<sup>mos</sup> Directores dos Estabelecimentos de Menores têm, pela atitude conscienciosa e parecer fundado e incontestável de V. Ex.<sup>a</sup>, acerca dos benéficos e imprescindíveis serviços prestados por este Lar à causa dos Rapazes entregues aos Serviços Jurisdicionais de Menores.

Rapazes que, por atingirem o limite de idade dentro dos Estabelecimentos do Estado, são entregues a famílias sem idoneidade moral e civil para continuarem a obra regeneradora encetada nesses Estabelecimentos; Rapazes que, pela mesma circunstância supracitada, são entregues a si mesmo pela falta de qualquer laço familiar,—todos estes e mais alguns, lançados momentaneamente na vida prática e no turbilhão desordenado de vicissitudes e realidades diferentes das que até então sentiram, teriam possivelmente baqueado ao peso inexorável de tenebrosas responsabilidades, se não tivessem encontrado no Lar do ex-Pupilo, o esteio, a âncora e o amparo moral e civil de que tanto necessitam para reentrarem lentamente na vida ao encontro da Vida e singrarem por ela além, cónscios do seu apuro, da sua dignidade e carácter, em suma, da sua integral personalidade.

Pena temos de não podermos

receber, sem quaisquer restrições, todos que deste Lar carecem. No entanto, desde que fundámos, em 1 de Janeiro de 1941, passaram pelo Lar 116 Rapazes.

Seria longo enumerar as utilidades, os valores positivos e negativos de cada um no esforço de auto-aperfeiçoamento das suas arestas e a proficiência e eficiência do Lar na recondução dos seus Pupilos, como consta dos relatórios anuais, enviados à Direcção Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, e à história da Instituição.

zita pelo que está feito. Antes, pelo contrário, nos impelem obrigatoriamente para a frente, num crescendo movimento de ânsia insatisfeita de mais e melhor.—A bem da Nação.—Pelo Maioral do Lar, a) Herlander Alberto Freitas.

Senhor Ministro da Justiça. Desde a primeira hora, é inegável o interesse desse Ministério pelo Lar do ex-Pupilo. Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Doutor Eurico Serra, Director Geral dos Serviços Jurisdicionais de Menores, deve o Lar muita gratidão pelo auxílio material e moral que lhe vêm dispensando. Mas o que está feito é pouco em relação ao muito que há ainda a fazer. Exemplo flagrante e elucidativo é o ofício do Reformatório de S. Fiel:

... Alguns outros têm voltado ao portão do Reformatório em circunstâncias absolutamente—e infelizmente!—bem diferentes...

E bem chocante é a nossa confirmação em resposta àquele ofício: Pena temos de não podermos receber, sem quaisquer restrições, todos que deste Lar carecem.

Ousamos, publicamente, nas colunas deste jornal, dirigir a Vossa Excelência o nosso aflitivo apelo. Não podemos receber mais Rapazes. As instalações são mínimas e o auxílio material vem escasseando. O Lar do ex-Pupilo carece de um edifício próprio de raiz, para o altruístico fim a que se destina e não pode ver cerceado o auxílio desse Ministério.

Mais Lares congêneres devem ser construídos, «destinados a acompanhar, orientar e auxiliar os ex-internados dos Refúgios, Reformatórios e Colónias Correccionais na sua adaptação à vida post-internato».

Milhares e milhares de leitores do jornal vão tomar conhecimento deste apelo. Tanto eles como nós confiamos, esperançadamente, na boa resolução que Vossa Excelência, Senhor Ministro da Justiça, vai dar a este assunto, que, por ser de Portugal é para Portugueses.

## NO PRELO

«ISTO É A CASA DO GAIATO»

Colectânea de artigos de maior projecção publicados nas páginas de «O Gaiato», com esse título.

Obra original, que interessará vivamente milhares de leitores. Que assim será, prova o elevadíssimo número de pedidos, que diariamente recebemos, de todo o país, ultramar e estrangeiro!!!

Para se inscrever como pretendente à aquisição deste livro, basta enviar-nos o seu pedido, num simples bilhete postal, dirigido à Editora

TIPOGRAFIA  
DA CASA DO GAIATO  
PAÇO DE SOUSA

# NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

Por JÚLIO MENDES

## O que precisamos...

Como é sabido, os pobres, geralmente, de tudo necessitam; por que o são, se assim não fosse, não seriam pobres. O pouco que se dá para eles significa muito; daí a sua alegria, quando tentamos remediar o seu mal estar. Ela é tamanha, indiscutível, por vezes; amam por que se sentem amados; por isso, as suas palavras tranparecem consolação e algumas tão profundas, que nos proporcionam momentos de grande vibração interior.

Pedir, pedir para eles, àqueles que podem dispor; eis o nosso lema, lema sagrado. Daí, daí sem arrependimento de qualquer espécie.

Por que não enviar: roupas, dinheiro etc.? Se passarmos revista a coisas inúteis, a vestuários que caíram em desuso; enfim, a tudo o que passou a futilidade, encontraremos, concerteza, valores que satisfarão um nosso irmão. Verifiquem; os poucos minutos que devem gastar, significarão para um pobre, horas e dias de satisfação. E respondem-nos; a nossa morada todo o universo a conhece... Paço de Sousa. Três palavrinhas que encerram um mundo novo, onde há vontade férrea de amar o próximo, como nos amam a nós. Assim queiram e nos ajudem.

## ... e o que recebemos

Vão-nos compreendendo; não estamos sós. Temos um imenso ambiente que nos rodeia. Almas a fervilhar e a participar na nossa cruzada, a maior de todas as cruzadas! Por que é assim, respondeu, alguém de algures com 50\$00 entregues ao nosso Pai Américo. Outros 120\$00 da mesma maneira. Mais de Lisboa, uma carta cheia de beleza, desde fio a pavio, que diz a certa altura: *A conferência dos vossos e nossos rapazes, espero que não comesse de mãos vazias, por isso envio 500\$00. Não dou mais porque dou para outras conferências. Dou graças a Deus por me dar para distribuir e a consolação de o fazer. Admirável! Já dá para outras e sente-se consolada. Continue a ajudar, quando e como puder. Desses corações bem precisam as sociedades vicentinas. Obrigado. Mais outra que reza assim: Para a Conferência aí vão 100\$00 e oxalá que sejam os primeiros e que depois destes muitos dêem entrada. É a assinante 9919, de Castelo Branco. Graças a Deus não foi a primeira, embora se despachasse rapidamente; outros estiveram à coca e abeiraram-se primeiro; foi questão de uns dias insignificantes. Mesmo assim, contra a sua vontade, chegaram a tempo de os aplicarmos devidamente.*

Em seguida apresentou-se uma senhora de Olival, numa carta tarjada, com 100\$00, pedindo-nos para inserirmos, como contestação, duas simples palavras: *Celeste recebemos*. Pronto, aqui está satisfeito o seu desejo e também nosso; evidentemente que temos de prestar contas, e por isso, as vamos desfizando uma a uma.

Fechando o cortejo, arquivemos a vinda de roupas de algures. Roupas! Que alegria para os nossos protegidos!...

E mais nada por hoje... Aguardemos a próxima quinzena, e, se for como esta, poderemos dar muitas graças a Deus. Não sei, os leitores é que sabem como vai o metal, a nota e o mais. Vamos a ver e entretanto, os pobrezinhos, por nosso intermédio, endereçam-vos um sincero, muito obrigado. Se quizerem escutá-los, caminharemos, certamente, para um mundo melhor e desbarataremos as trevas densas que o cobrem; estou disso certo. Bem hajam a todos.

## Conhecendo os nossos irmãos

Continuei na ronda, conhecendo os pobres que socorremos. Hoje cahou a vez a um paralisado. O seu ninho dista um pouco da nossa Aldeia; mas não precisei de muito tempo para chegar ao fim. Montei na bicicleta e ala que estrala, aí vou pelos ares, percorrendo a estrada em fora. Mora num lugar verdejante da histórica freguesia de Paço de Sousa. Ao chegar reparo com a incerteza da residência do doente. Aparece-me uma viandante e pergunto: —Onde mora aqui Fulano? —Venha comigo... E lá fui, agora bicicleta nas mãos, em sinal de cortezia pela amabilidade. Ao avistar-se a casa, diz-me prontamente a pessoa que me acompanhou: —É acolá, bata que ele está de certeza, coitadinho... Bati, obedecendo. Abrem a porta e reparo com um grande xim-prim. Que seria? Faltaria alguma coisa ao infeliz, haveria desinteligências familiares? Pergunto eu, para comigo. Entro e explico-me. —Sabe o que é? O senhorio quer que a gente saia daqui pra fora... —Daqui! Porquê? Não pagam por mês a renda da casa? —Pagamos, ó ano; está a chegar o S. Miguel... É preciso ter de facto, um íntimo muito degenerado para se pretender atirar com um pobre paralisado pelas portas fora. Um rudimentar dever de humanidade não admitia isso. Seja cristão; lembre-se que agora não precisa, mas o futuro a Deus per-

tence... Olhe que agora tem, amanhã não saberá... O mundo dá muitas e complicadas voltas... Reconsidere; olhe que por lei não pode botar fora quem se tem prontificado e nunca faltado no pagamento do que deve. Seja cristão... Voltemo-nos para o doente. Chama-se José dos Santos; homem idoso e grande conversador. Retido no leito, está sofrendo de paralisia em ambas as pernas. Para conhecimento, perguntei-lhe, à queima roupa, curiosidades; ele me disse: —Antes de empregar trabalhava. Agora não posso estou aqui... Interrompe-nos a conversa sua mulher, trajando regionalmente, com uns brincos tão lindos e típicos que faz gosto admirá-los; diz ela que o dono da casa lhes dissera que a doença do pobre homem se curava com uma requeijinha e uma malga de leite. Que era uma espécie de ronha... Pareceu-me impossivell... Fiquei admirado com a presença da mulher. Não estão juntos... Mas ela faz-lhe todos os dias o seu dever! Vem de onde está, tratar-lhe dos serviços domésticos! Estão separados... Entretanto, ele falava, e falava... Homem que não se cansa; estava aborrecidíssimo com o proprietário e era um tanto quanto radical, judiciariamente falando. Acalme-se, disse-lhe eu... E amansou! Explica-me, em seguida que, devido às dores quando se virava na cama, teve de architectar um processo fácil de as diminuir. Meteram-lhe na parede uma espécie de puxador e quan-

Obra da Rua, nascida em Portugal, nem seria bem portuguesa se não acusasse a sedução do mar.

O ano passado, pouco depois da voz do Pai ter soado além do oceano, aquém os filhos abeiraram-se a contemplá-lo.

Foi um acampamento de experiência instalado onde foi sem premeditação. Sem premeditação nossa... porque Deus conhecia o caminho por que nos conduzia!

Alguém amigo nos indicou a existência das casas que hoje habitamos e nos guiou os primeiros passos na via de obtê-las. Hoje é nosso luxo o objecto envelhecido dos mais fortes. Não é, aliás, novidade nenhuma na vida dos pobres!

Pois a nossa humilde moradia após uns dias da nova ocupação começou a ser alvo da curiosidade dos viandantes. Alguém que assistira ali a colónias patrocinadas por três organismos poderosos, afirmava nunca ter visto outra tão linda como esta. A sua admiração e a dos que foram passando pelo tempo em fora, não vinha das modestas colchas de chita, nem dos pobres divãs, nem das mesas e bancos de pinho, que constitui todo o nosso mobiliário. Vinha da graça, da arrumação, do asseio que encontravam em tudo e que era totalmente obra do rapaz. Ali, nem mais nem menos que em qualquer das outras Casas da Obra.

Eu não sei se o museu do Louvre terá visitantes mais sinceramente deslumbrados, que uma Casa do Gaiato.

A nossa colónia foi uma jornada de simpatia. Na véspera da partida, um visinho confessava que pouco agradado nos vira chegar, mas que naquele dia começava já a sentir saudades nossas. E na despedida tinha lágrimas nos olhos.

A este, aos outros visinhos; ao humilde cantoneiro que ansiosamente esperava o Gaiato, "regalo das suas sestas,, e que tantas vezes nos deu o seu auxílio com uma espontaneidade visivelmente amiga; às pobres peixeiras cujo pão de cada dia lhes custa em cada um léguas de caminho rude; a todos, modestos, pobres e simples, nós ficamos a dever serviços. Mas mais do

do tem desejos de se voltar, para qualquer necessidade, agarra-o e vira-se. Já ia longe a minha visita. Resolvi despedir-me. E como já vejo que se torna hábito nos pobres das redondezas, todos se desfazem em agradecimentos ao nosso Pai Américo. Têm razão. Dou-lhes inteira razão e só desejo que Deus o conserve e lhe ampare a saúde.

Retirei-me, entretanto, com a costurada despedida. E eis aqui outro que enquanto pode trabalhou e veio a doença e tudo se acabou... Como este há exércitos escondidos!!!

Por ENG.º GALAMBA

que os serviços, eu creio que vale a estima que os ditou, pelo qual tão boamente foi feito o que fizeram.

Que deles nunca se aparte a graça do Senhor.

OUTRO ponto de admiração foi a nossa vida de trabalho. No primeiro turno ele pesou não pouco, mas os rapazes quase sempre o suportaram com bom espírito. Honra lhes seja!

Mas o que espanta todos era a alegria daqueles moços tão sobrecarregados! Nas outras colónias havia criados para tudo. Os meninos não faziam nada. Mas andavam em forma, guardados à vista, enfarpelados quase até aos pés em detestáveis bibes negros. Por isso eram tristes. Como não serem tristes?!

Todas as almas são diferentes. Forma para os humanos é sinónimo de violência, de pecado contra a natureza. Como não serem tristes?!

Se todo o homem é um pedacinho vândalo, também é certo que em maior grau há nêle o gosto de construir. Ver alguma coisa onde nada havia e ser essa coisa fruto do seu labor, onde prazer igual?!

O homem—como a criança—só ama duradoiramente o que importou suor ou sacrifício. E só quem ama é feliz!

Eis todo o segredo da alegria daqueles rapazes.

A história do Ovo de Colombo ainda não perdeu actualidade!

E já agora, a propósito de rapazes, de Colónias deles e da felicidade deles, não quero passar sem dizer:—Ai dos que só pensam no pão do corpo! Até humanamente serão incompletos!

EU creio que a mais eficaz de todas as pregações é a vida simples de todos os dias, vivida diante do mundo com sinceridade e desejo de perfeição.

Quem olha a Obra da Rua vê a ilustração animada do segundo dos dois mandamentos em que os dez se resumem. Daí o agrado a gregos e troianos!

Mas nós queremos viver também o primeiro mandamento, que um sem o outro nenhum deles é verdade.

Eu acredito na força do terço, rezado em torno dum cruzeiro, ao pôr do sol, ao som do mar, por uma malta disposta livremente e com beleza, ontem farrapilha dos caminhos, hoje ali, grave, engrandecida pela intimidade d'O que não tem maior.

Já o ano passado os nossos rapazes tinham feito sensação na Ericeira.

Este ano, novamente me chegaram rumores da impressão agradável de muitas pessoas sobre a compustura deles durante a Missa. Entregues a si próprios, sem ninguém a vigiar ou

(Continua na 4ª página)

## NOTÍCIAS DAS CASAS DO GAIATO



Fachada da Casa de  
Miranda, com sua  
capela ao lado.

## DE MIRANDA DO CORVO

**D**ESCULPEM meus caros leitores de não vir neste último número e no ante-penúltimo, só uma coisinha da nossa casa. Não é por desleixo. Não tem havido lugar no jornal, porque são muitos e muitos a escrever. Agora como houve lugar aqui vão as notícias fresquinhas e boas.

**J**Á apanhamos as nossas batatas. A princípio estavam muito bonitas, mas depois começaram a ter a moléstia. Mesmo assim tivemos muitas, graças a Deus. Como noticieei aqui há tempos, o batatal era muito grande. Milho também não temos pouco. Calculamos ter mais de cem alqueires, se Deus quiser. Todas as terras da nossa quinta estão semeadas. Cebolas também tivemos bastantes, enfim toda a nossa quinta tem produzido o suficiente para nos alimentarmos. Já começamos também a desfolhar o milho.

**H**Á dias andávamos a acarretar o milho da terra nova para um olival. Como já tínhamos acarretado o milho quase todo descansamos um pouco debaixo das oliveiras. Nisto vem o Gemias com um braçado de milho. O Gil que estava mais próximo dele, disse-lhe: O' Gemias, não poises o milho que o magou-as... ele não quis saber e poisou-o. Pas-

por JOSÉ MARIA SARAIVA

sados momentos olhou comovido, e disse:—Olha já fiz uma ferida ò milho! E naquele instante ajoelhou e disse: perdão milho que te fiz uma ferida!

**N**O dia três de Agosto matamos uma porca. O tempo não era próprio. Estava muito gorda, e pesava cerca de cento e trinta quilos. Agora temos um porco e duas porcas. Uma porquita pequena que cá temos criou-se sem a mãe, quando esta morreu, e a outra veio de Coimbra, que tinha ido para lá há tempos. Também vendemos um porco na feira de Miranda, que rendeu dez notas, isto é, um conto de reis.

**N**ÃO queremos ser aborrecidos, e por isso limitamo-nos a fazer um pequeno pedido. Os copos que possuímos actualmente estão muito velhos e têm o esmalte a sair. Se houver uma alma generosa que se queira lembrar de nós, faça o favor de mandar alguns copos, que é de muita necessidade.

## NOTÍCIAS DA ERICEIRA

CONCLUSÃO DA 3.ª PÁGINA

a cuidar da perfeição de cada um, eles podiam dar exemplo a muitos filhos de familia.

Graças a Deus, que nem todos vêm em nós, escória comprometedora do encanto da paisagem.

**J**Á se sabe que o segundo turno das colónias foi para os rapazes do Tojal, mas não da Obra. Porém, o núcleo em torno do qual se enovelou toda a actividade, era formado por três dos nossos.

Falou-se-lhes na importância das suas missões: eles eram candelas postas sobre o candelabro para alumiar; eram os exemplares da nossa ordem; tinham de estar à altura. E estiveram, graças a Deus!

Foi para eles uma ótima oportunidade de provar as dificuldades de quem dirige. Que não esqueçam as

lições dum tal estágio, depois de por si terem aprendido que mandar, é quase sempre mais difícil, e até mais fatigante, do que obedecer.

**N**ESTE turno esteve a ajudar um seminarista, que foi o grande companheiro dos rapazes. Exímio nos jogos de bola, ao lenço, da barra, da rolha, do berlinde, logo por tais dons se impôs. Mas não só por eles! Foi sobretudo por ter sido amigo dos rapazes, por se ter doado a eles, durante aquele tempo em que a brincar fez tanto bem, que lhes mereceu a estima que ganhou.

Um dia tive que sair. Temi um pouco que aquela brincadeira de todos os instantes pusesse em perigo a sua autoridade.

Na volta, o Ernesto adivinhando o meu receio, informou: "Pode ir

## DE PAÇO DE SOUSA

Por FERNANDO MARQUES

**C**OM grande alegria por parte de toda a malta, chegou-nos esta semana a primeira remessa de uvas, que como dos mais anos o Snr. P.º Américo tem mandado vir. Logo no mesmo dia, tivemos para consolo de todos uma grande merendola até ficarmos fartos. À noite tivemos tribunal em que falou o nosso maioral dizendo que se o Snr. P.º Américo mandava vir as uvas, era para nos recompensar por as da nossa quinta, se encontrarem intactas. Disse-se depois que classificava num grau inferior todos os que fossem a elas, coisa que esperamos não acontecerá.

Agora estamos esperando nova remessa, porque as que vieram já estão acabar.

**V**ÃO muito adiantadas as obras dos nossos estábulos. A parte de carbinteiro está quase a terminar, parte esta que foi toda dirigida, pelo António. Brevemente diremos aos nossos amigos leitores o dia da inauguração, para virem admirar esta obra que nos estava a fazer muita falta, e que vai ficar muito bonita.

Vimos também dar a notícia do alargamento de mais dois andares das oficinas. O alargamento foi devido à tipografia nos ter açambarcado mais de metade das oficinas, pelo que foi preciso a sapataria e a alfaiataria irem para outro lugar por não caberem. Estes dois andares destinam-se à alfaiataria e à sapataria, ficando depois tudo nos seus lugares.

**C**OMO devem ter lido nos números anteriores, andamos agora empenhados com a campanha do nosso novo livro Isto é a Casa do Gaiato que brevemente sairá do prelo da Nossa Tipografia. Todos os dias nos estão chegando às mãos inúmeros postais e cartas, pedindo o precioso livro.

Alguns pedem aos vinte e ainda outros nos enviam grandes importâncias. Já nos chegaram uns poucos de 500\$00 por um livro apenas!!!

Mas como ia dizendo os muitos são poucos e estamos esperando a tua resposta caro leitor, resposta que julgo não demorará.

Como há tempos se disse, estamos a vender os livros que cá tinhamos de Pão dos Pobres e da Obra da Rua.

Todos os domingos se arma a ratoeira e fica um à espera de quem quiser cair.

Quando cá vierem, é preciso terem cuidado não vão também os senhores cair.

**N**O domingo passado recebemos a visita do grupo de futebol dos «Amigos do Pagode», os quais fizeram um desafio amigável com o nosso grupo. O resultado final foi de 2-1 a favor do nosso grupo.

**U**LTIMAMENTE temos sido muito visitados, especialmente por grandes excursões.

No domingo passado estiveram cá duas excursões com umas poucas camionetes, sendo: «Os Amigos do Pagode» de Gondomar, e «Os Amigos das Antas».

Também nos visitaram inúmeros automóveis, os quais não se esqueceram de nós. A todos muito obrigado.

E agora venho lembrar aos que ainda cá não vieram, que venham ver a nossa linda aldeia, na certeza de serem bem acolhidos; e depois propagá-la por todo o nosso Portugal, àqueles que infelizmente ainda a não conhecem.

## DO TOJAL

Por CARLOS ALBERTO

**P**OR ter feito exame, o Snr. P.º Adriano levou-me a Coimbra e a Miranda do Corvo. Fiquei encantado com as nossas casas.

Sou de Lisboa, mas gostei muito de Coimbra. É uma cidade lindíssima.

No dia seguinte partimos para outra terra também muito bonita, Nazaré, terra dos pescadores e praia de mar.

Fomos lá fazer o peditório.

Uma senhora da Beira Baixa, recebeu-nos a mim e ao Octávio na sua casa. Tratou-nos muito bem e levou-nos ao carrissel.

Fizemos depois o peditório na capela da praia e no santuário de N.ª S.ª da Nazaré que chamam Sítio.

descansado à outra vez, que na sua ausência o Snr. Zé Maria sabe bem ocupar o seu lugar.

Terminamos a nossa colheita de milho. Das outras já demos notícias. No campo separava-se a folha da espiga. Os bois traziam-nas às carradadas e despejavam-nas à sombra duma árvore. Era uma alegria tudo à roda do monte de espigas. Recolhemos 450 alqueires de milho e agora cá estamos prontos para o comer.

O Coroa mistura metade de farinha de milho e metade de trigo e faz uma rica boroa.

Tivemos também grande quantidade de melões. Então se eram bons... O pior é que já se acabaram.

Andam de volta dos figos à merenda, mas estão a acabar. Um senhor de Loures prometeu-nos um saco de amendoins. Esta malta já tem os dentes afiados para eles.